

TRIBUNA DA  
**CIDADE**

CLÁUDIO MONTEIRO

**Brasília, quem diria, incomoda**

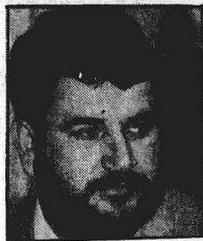
Se nem sempre é uma experiência educativa, a leitura de jornais está sendo invariavelmente surpreendente. Na maioria das vezes pelo insólito dos fatos, mas, às vezes, pelas teses absurdas que há quem tenha coragem para empunhar. Como aconteceu com a proposta do senhor Gerardo de Mello Mourão, em artigo publicado pela Folha de S. Paulo, de retorno da capital para o Rio de Janeiro.

O articulista diz acreditar que Brasília é responsável pelo surgimento de práticas como as desvendadas pela CPI do PC. Desconhece (ou faz de conta) que, se o governo acusado de práticas imorais funciona em Brasília, aqui também se deram os trabalhos da CPI, contando, aliás, com destacada participação de pelo menos dois parlamentares brasilienses: o senador Maurício Corrêa (PDT), seu vice-presidente, e o deputado Sigmaringa Seixas (PSDB). De resto, os três brasilienses da Comissão votaram a favor do relatório.

Mais do que isto, foram profissionais da imprensa local que levantaram os fatos mais candentes do episódio, além de contribuir para assegurar a permanente e siste-

mática informação da população brasileira. Quando as matérias foram editadas por órgãos de outras cidades, a responsabilidade foi das suas cursais de Brasília.

Não fica aí. O povo do Distrito Federal diferenciou-se, em 89, porque, ao contrário do



As personalidades comprometidas pela CPI não iniciaram aqui, nem agora, suas trajetórias de desrespeito às práticas morais

que se viu no resto do País, derrotou o então candidato Fernando Collor nos dois turnos. E voltou a derrotá-lo, agora, no terceiro turno, colocando-se na vanguarda das mobilizações populares em defesa da CPI e a favor do impedimento do Presidente.

Finalmente, cabe lembrar que as personagens que aqui residem e foram comprometidas pela CPI não iniciaram agora, nem aqui, suas trajetórias de desrespeito às práticas mais comezinhas da moralidade. Personagem autenticamente brasiliense é o motorista Eriberto, cuja simplicidade não impediu de retirar a máscara da hipocrisia, que ameaçava transformar-se em impunidade.

Esquece o senhor Gerardo de Mello Mourão das peculiaridades de sua passagem por Brasília, a bordo do festivo governo José Aparecido, quando a experiência de contato com a cidade restringia-se à presença em gabinetes e salões, certamente com cortinas vedando a paisagem exterior.

Mas poderia ocorrer-lhe que, se o governo não é expressão da sociedade, é de uma de suas partes. Sua ação é a perfeita manifestação da vontade de quem representa, no caso as mesmas elites econômicas que não chegaram ao governo apenas com a transferência da capital para o Planalto Central.

■ Cláudio Monteiro é deputado distrital pelo PDT